

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

Teimosia universitaria



Empurrando de fóra:

— Não ha maneira da velha me deixar entrar. Bem se vê que a porta é ferrea!



PALESTRA AMENA

Dinheiro!

Já o nosso bom João de Deus dizia que o dinheiro era muito bonito, o maganão, e muito mais coisas a propósito do metal a que chama vil quem o não tem.

Metal, dissémos, e tal dito sugere-nos algumas considerações que passamos a expôr, depois de bem digerirmos a notícia de que vão ser postas em circulação as moedas de ferro, que ha muito se encontram cunhadas.

Vamos, pois, ter metal verdadeiro, genuino, corpo simple-, eletro-positivo em relação aos metaloides, quicá com brilho proprio e determinada simpatia pelo oxigenio, para formar bases.

E a sua chegada, para a qual são poucas todas as girandolas da nossa satisfação, vae certamente determinar a retirada do papel, que se nos desfaz nas algibeiras, nos transmite varias enfermidades e nos emporcalha as mãos. Não é—ó não!—o ouro nem a prata, sonoros e refulgentes, mas sendo ferro já tem o seu quê de util e de solido, já serve, pelo menos, para atirar á cabeça d'um parceiro malcriado e para, fundido, se transformar em objetos caseiros, enquanto que o papel já para limpezas intimas servia, já pela exiguidade das suas dimensões, já porque mais sujava do que limpava.

E' verdade que o ferro tem o inconveniente do peso—já lá julgava o outro, que um quilo de ferro pesava muitissimo mais do que um quilo de papel—mas nem tudo podem ser rosas e não é quando o governo mostra tanta boa vontade em nos favorecer, que o devem censurar por não ter escolhido metal mais leve. O facto é que vem a dinheiro palpavel, que pode tñir, que pode rebolar e que realmente corresponde a um valor qualquer, ao passo que as cédulas só podiam valer como adubo, mercadoria preciosa, sem duvida, mas demandando tal quantidade de papel-moeda para ser aproveitavel que os ganhos d'uma pessoa em muitos anos de trabalho mal chegariam para estrumar um pé de grelo.

Ora, porque a moeda de ferro tem tais vantagens sobre a porcaria atualmente em circulação, além de muitas outras, como a de se poder reduzir a pilulas para enriquecer o sangue dos anemicos, por que motivo, estando cunhada ha tanto tempo, segundo os proprios órgãos officiaes confessam, os governos a teem conservado engavetada? Terá sido para fazer ferro, por amor á semsaboria do trocadilho e ao mesmo tempo para gosar o espetáculo do suplicio de Tantaló?

Eis um misterio que não conseguimos desvendar, mas que muito provavelmente tem por origem alguma razão politica, visto que no nosso paiz nada se faz ou deixa de se fazer senão porque a politica assim o exige. Não nos julgariam até agora merecedores

de tal medida, com o tino suficiente para sabermos lidar com dinheiro a valer?

Seja como fôr, consideraremos bem-vindo e daremos acolhimento benevolo a todo aquele que se nos dirigir a revelar o enigma, e assim damos por terminado o que tinhamos a expôr acerca do dinheiro, sem que pessoalmente nos importemos que seja de papel, de ferro, de sola, de chifre ou de qualquer outra materia, porque para nós é sempre da mesma: de fogo visto, linguicã.

J. Neutral.

Pão da ultima qualidade

Referimo-nos ao pão de segunda qualidade, que é o da ultima, visto que em Lisboa ha duas qualidades de pão. Posto isto, d'uma clareza de agua pura, ficam os senhores sabendo que não teem razão alguma em se indignarem por que o tal, o da ultima qualidade, contenha quasi sempre materias extranhas á farinha de cereais.

Na nossa redação teem sido apresentadas até hoje umas duzentas variedades do dito pão, com amostras de porcarias, e na verdade vos dizemos que ainda não vimos razão para reclamações. Agrupando as principais variedades, temos visto:

1.^a — Pães com ratos mortos. Atendendo á falta de carne de vaca, não se deveriam até pagar esses pães por alto



preço, visto que veem acompanhados de carne, embora de rato?

2.^a — Sandwiches de baratas. Além da barata ser tambem uma carne apreciavel, o emprega-la no condimento alimentar não é um meio de extinguir a praga que nos infesta e que é uma das coisas mais incomodativas de Lisboa, no dizer dos estrangeiros?

3.^a — Pão de lixo. E' evidentemente recomendavel como medicamento, constituindo um vomitorio baratissimo, n'este tempo em que os remedios custam os olhos da cara.

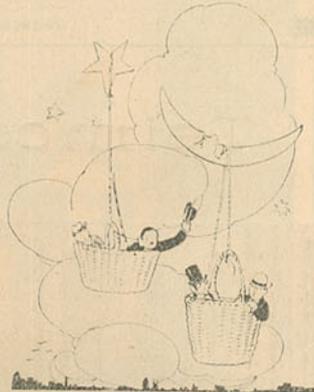
4.^a — Pão de cal e areia. Não se recomenda como alimento, mas não ha duvida de que pode ser vantajosamente empregado como material de construção.

Temos visto tambem pão com pregos, com sola de botas velhas, chifres de carneiro, etc., o que, longe de depôr contra a boa fé dos padeiros, apenas demonstra que são prodigos em desperdicios de reconhecida utilidade.

Postos aereos

Lemos que o governo vae fazer um emprestimo de 1:800 contos a fim de estabelecer postos aereos, medida que aplaudimos calorosamente, mas que não sabemos muito bem como se possa realizar. De que modo hão-de obter-se pontos fixos no espaço, se o proprio Arquimedes — o Antonio Cabreira da antiguidade — deixou de levantar o mundo na ponta d'uma alavanca precisamente por não julgar possivel encontrar-o?

Serão taes postos suspensos aos



astros, á maneira das cestinhas que as inquilinas dos 5.^{os} andares lançam na passagem dos vendedores ambulantes?

Era fineza esclarecerem-nos, não por que nos faça transtorno o dispêndio de quantia tão insignificante—n'esta altura, que diabo são 1:800 contos a mais ou a menos?—mas porque desejamos responder a numerosos leitores, que se nos dirigem a solicitar empenhos para poderem ser empregados dos referidos postos e a perguntar quaes as habilitações necessarias para taes logares.

Bem se pode dizer, até, que já estão nos ares.

Torre de Ouro

Desgarrada

O' meu amor, quando saís
A vêr o campo florido
Abrem alas os pardaes
E as flores gritam: Senttdo!

II

Se eu fosse Virgílio ou Dante,
O' dea, olimpico Nume...
—Já volto, sôr estudante,
Vou pôr a panela ao lume.

III

Dois beijos mais seis são tres,
Com cinco e mais dez são um...
Deixa contar outra vez,
Supõe que não del nenhum.

LUIZ CALADO NUNES.

(De «O meu Molho».)



Correspondencia

Ripper—Fazemos-lhe a vontadinha. Ai vão as suas quadras a Mademoiselle Ruala:

I
Da tua figura gentil
Dessa gentileza d'amor
Meus olhos nos teus d'ani
Vão aos poucos perdendo a cor.

II
Um dia a lua a brincar
Foi a beijar-te os cabelos
Escondeu-se triste a chorar
Por tão lindos não poder te-los.

III
E' dictado muito antigo
Quem desdenha quer comprar
Eu não desdenho contigo
E outra não posso amar.

IV
A sorrir-te desdenhosa
Negaste-me o teu amor
De que te serve valdosa
O Espetaculo da minha dôr?

Nada temos a acrescentar, senão que hontem á noite vimos a lua já sorridente: pelos modos está mais resignada por ser careca.

A. Crespo—... E já que estamos de maré, ai vae um dos tercetos do seu inspiradissimo soneto:

Noites de Carnaval... eu as passo na cama,
Bailes do Carnaval... en os danço sózinho
Com um lapis na mão e uma taça de vinho.

Havia de ficar fresco o sobrado!

Um incomprendido

Muitos dos nossos leitores devem ter conhecido o celebre Rosalino Candido de Sampaio e Brito, que atravessou a vida honrada e soberbamente, com fama de maluco, ao passo que outros a atravessam com fama de ajuiz-



zados, precisamente pelas qualidades contrarias.

Prégou Rosalino Candido varias coisas excellentes—e como o consideravam telhudo, nunca ninguem lhe deu ouvidos. Pois bem: agora, que já lá vão vinte anos depois que desapareceu, vae-se-lhe fazendo justiça e pondo em practica algumas das suas idéas—não entre nós, que somos sempre tardios na sabedoria, mas no estrangeiro, em Espanha.

EM FOCO

ROBLES MONTEIRO



Sim, senhor, meu carissimo Monteiro: Fartei-me de o chamar na Emboscada E, meu amigo, não lhe conto nada Senão que é um artista verdadeiro.

Dou por bem empregado o meu dinheiro E, creia, que não menos a noitada; Representou a sua papelada, Sem o menor favor, como o primeiro.

Achei-lhe, finalmente, tanto jeito Que lhe destino um drama em que apparece

Você no figurão de mais efeito,

E para que por ele se interesse E o desempenhe sem nenhum defeito Não ha no seu papel nem um só esse!

BELMIRO.

E' o caso que o pobre Rosalino toda a sua triste vida pugnou pelo bem estar dos humildes, em especial por que os distribuidores do correio não subissem escadas, em serviço. Pois bem: Espanha antecipou-se-nos na realisação de tão justa medida, aproveitando a lembrança, como a França nos aproveitou o navio e a navegação aerea: uma simples caixa nas portas dos rezdo-chão dos predios resolve o problema.

Aplaudimos, como não pode deixar de ser, tal medida, que certamente não se fará esperar na nossa terra e já agora faremos notar que se poderia ampliar o sistema a outras classes: pois não poderia haver caixinha para o pão dos padeiros, a carne do homem do talho, as couves do vendedor de hortaliça, as salpicadinhas da costa da varina, etc.?

Pensem n'isto e verão que a idéa não é tão disparatada como parece.

Os hoteleiros com juizo

Apezar da nossa confiança nos tribunales, se cada um não fizesse de vez em quando justiça pelas suas mãos o equilibrio social deixaria um tanto a desejar, no caso de considerarmos equilibrio social uma não exagerada relação entre o numero de ladrões e o dos roubados.

Fundados n'este principio os hoteleiros de Lisboa deliberaram afixar em sitio bem visivel dos respetivos hoteis uma relação dos caloteiros que por eles tenham passado.

Isto é, dispensam a intervenção dos juizes, ferindo os patifes no que o homem tem de mais sensivel: na vaidade. Assim, o resultado não será menos

eficaz do que uma condenação á Penitenciaria.

E aí está uma resolução que, se fosse imitada, evitaria a pratica de muitas outros delitos. Imaginem, por exemplo, que toda as victimas dos que



nos levam pelos generos alimenticios, pelo calçado, pelo fato, pelas rendas das casas, etc., maior quantia do que a que é justo pedir, afixavam por essas ruas os nomes dos ladrões: não lhes parece que estes passariam a roubar um pouco menos e que cairiam em si os que supõem que exigir um lucro de cem por cento não equivale a empalmar-nos a carteira?

Vale a pena experimentar.

O problema da Andaluza

Com este titulo os jornais tem publicado varias noticias, narrando as dificuldades do governo espanhol perante a crise andaluza, ssem no emtanto nos dizerem em que ella consiste.

A apostar que se trata da carestia das castanholas?

O ULTIMO BOATO



A verdade da suposta guerra entre Portugal e Hespanha.